



Responsabilidade, Dialogismo e Polifonia em Mikhail Bakhtin: o Lugar do Sujeito na Filosofia da Linguagem¹

Leila Salim Leal²

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

Pretendemos investigar a constituição da noção de sujeito na obra de Mikhail Bakhtin. A partir de seus dois conceitos-chave, o de dialogismo e o de polifonia, discutiremos a compreensão do pensador russo acerca do lugar do sujeito para a constituição do ser no mundo – reflexão baseada também no conceito de ‘responsabilidade’ – e suas implicações na atividade estética, destacando a expressão da tensão constitutiva do ser na relação entre o autor e o herói identificada na estrutura de obras literárias. Buscaremos retomar a constituição da noção de sujeito na obra de Bakhtin como forma de contribuir para a discussão, no campo da comunicação, da estética e da filosofia da linguagem, acerca da retomada de uma perspectiva transformadora da realidade que não prescindia da atuação consciente do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: teorias da comunicação; linguagem; sujeito; polifonia.

Buscaremos, neste trabalho, investigar a constituição da noção de sujeito na obra de Mikhail Bakhtin. A partir de seus dois conceitos-chave, o de dialogismo e o de polifonia, discutiremos a compreensão do pensador russo acerca do lugar do sujeito, tanto no que se refere à própria constituição do ser no mundo – reflexão baseada também no conceito de ‘responsabilidade’, formulado por Bakhtin –, como no que diz respeito às suas implicações na atividade estética, destacando a expressão da tensão constitutiva do ser na relação entre o autor e o herói identificada na estrutura de obras literárias.

A compreensão proposta por Bakhtin abre espaço para uma série de reflexões: o tema da ‘morte do sujeito’ na pós-modernidade vem sendo objeto de extensos debates nas áreas da comunicação, lingüística, história, sociologia e outras. A investigação, portanto, sobre a noção de sujeito e sua relação com a linguagem na obra do pensador russo pode ser um caminho para a problematização desse pressuposto tão difundido e, curiosamente, associado muitas vezes à própria obra do autor.

Há apropriações difundidas no meio acadêmico que têm associado a obra de Bakhtin e, especialmente, seu conceito de polifonia, às compreensões fragmentárias e relativistas dos processos históricos e sociais identificadas com as formulações pós-

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Mestranda em Comunicação e Cultura na ECO-UFRJ; email: leilasalimleal@yahoo.com.br



modernas. Pretendemos, portanto, retomar a constituição da noção de sujeito na obra de Bakhtin como forma de contribuir para a discussão, no campo da comunicação, da estética e da filosofia da linguagem, acerca da retomada de uma perspectiva transformadora da realidade que não prescindia da atuação consciente do sujeito.

De nosso ponto de vista, a constituição da noção de sujeito em Mikhail Bakhtin – que analisaremos sobretudo nas obras *Para uma Filosofia do Ato*³ e *Estética da Criação Verbal*⁴ – se distancia das formulações pós-modernas a respeito da ‘morte do sujeito’ e da impossibilidade de estabelecimento de uma relação transformadora com a realidade. A defesa de um ser indissociável de uma ação ética no mundo, que fundamenta o conceito de responsabilidade de Bakhtin, parece-nos ser fundamental para a compreensão de sua obra e de sua noção de sujeito.

Portanto, este trabalho estrutura-se da seguinte forma: um primeiro momento dedica-se à formulação de Bakhtin, em *Para uma Filosofia do Ato*, acerca de sua compreensão do papel do sujeito a partir da noção de ser como aquele que age no mundo e tem responsabilidade ética sobre suas ações. A seguir, discutiremos a tensão entre excesso e falta, constitutiva do ser e formadora da subjetividade, e suas expressões na relação entre autor e herói na atividade estética, a partir do texto *O Autor e o Herói*, do livro *Estética da Criação Verbal*, procurando identificar a noção de sujeito que se expressa na atividade estética pela perspectiva bakhtiniana.

Na última parte, compararemos a compreensão de Bakhtin sobre o papel do sujeito em sua filosofia da linguagem, trabalhando seus conceitos de polifonia e dialogismo, às formulações pós-modernas fundamentadas na ‘morte do sujeito’ e na fragmentação da realidade e das consciências, buscando problematizar a aproximação do autor com esse referencial teórico.

A Noção de Sujeito em Bakhtin: Ser e Responsabilidade

Um dos eixos centrais da constituição da noção de sujeito na obra de Mikhail Bakhtin pode ser identificado no texto *Para uma Filosofia do Ato*, de 1919. Nesse escrito, Bakhtin define o Ser como evento, como ação, e aponta o sujeito como aquele que age no mundo. A partir dessa premissa, o autor desenvolve o conceito de *responsabilidade* para se referir ao Ser que responde no mundo, que age e que é, por si, ato.

³ BAKHTIN, 1993.

⁴ _____, 1992.



Muitas vezes traduzido por *responsabilidade*, o conceito leva em consideração, diretamente, a dimensão da *resposta* que o Ser, como sujeito, dá à sua existência no mundo e, ao mesmo tempo, a dimensão ética dessa ação. A ação do Ser no mundo tem, assim, um sentido ético, já que não há ingenuidade ou neutralidade.

A compreensão de Bakhtin aponta para o Ser como um evento único, o que define a sua singularidade. Essa singularidade é um lugar, uma perspectiva da existência do Ser, que se define a partir da unicidade do sujeito: compreendendo-o como um processo, que constrói sua consciência a partir da unicidade entre sua existência no mundo e sua atividade cognitiva, Bakhtin nega a perspectiva de uma ‘essência humana’ e destaca a importância da dimensão histórica na constituição do sujeito e dos valores com que age no mundo em sua ‘ação responsiva’.

A existência, assim, é algo a ser ocupado pelo sujeito, cuja existência, por sua vez, é única: o sujeito ocupa sua existência, que é única, particular, individual (daí a noção de Ser como evento único) e, em suas relações sociais e históricas, tem total responsabilidade ética sobre seus atos.

A compreensão da unidade do sujeito aponta para uma extensão da noção de responsabilidade, que não se resume à dimensão concreta e material da ação do Ser: num mesmo processo, a responsabilidade refere-se também às dimensões cognitivas, culturais e à atividade estética. Para Bakhtin, a noção de Ser como evento único precisa apontar o ato, a ação responsiva, em todas essas dimensões, como forma de superação da divisão entre ‘cultura’ e ‘vida material’:

“É apenas o evento único do Ser no processo de realização que pode constituir essa unidade única; tudo que é teórico ou estético deve ser determinado como um momento constituinte do evento único do Ser, embora não mais, é claro, em termos teóricos ou estéticos. Um ato deve adquirir um plano unitário singular para ser capaz de refletir-se em ambas as direções – no sentido ou significado e em seu ser; ele deve adquirir a unidade de dupla responsabilidade – tanto pelo seu conteúdo (responsabilidade especial) quanto pelo seu Ser (responsabilidade/responsabilidade moral). E a responsabilidade especial, além disso, deve ser trazida (deve entrar) em comunhão com a responsabilidade moral única e unitária como momento constituinte dela. Esse é o único meio pelo qual a perniciosa divisão e não-intepenetração entre cultura e vida poderia ser superada”. (BAKHTIN, 1993, p.20)

Ainda em *Para uma Filosofia do Ato*, Bakhtin destaca a impossibilidade de uma ação ‘ingênuo’ ou ‘neutra’ em relação à linguagem, confirmando sua compreensão do



Ser como sujeito responsável. A partir da noção de unicidade do sujeito, aponta que a linguagem expressa, assim, a posição escolhida pelo sujeito diante do mundo. Como discutimos acima, em Bakhtin não há uma cisão entre o Ser, como sujeito responsivo-ativo, e a linguagem:

“(...) a palavra viva, a palavra completa, não conhece um objeto como algo totalmente dado; o simples fato de que eu comecei a falar sobre ele já significa que eu assumi uma certa atitude sobre ele – não uma atitude indiferente, mas uma atitude efetiva e interessada. E é por isso que a palavra não designa meramente um objeto como uma entidade pronta, mas também expressa, por sua entonação (uma palavra realmente pronunciada não pode deixar de ser uma palavra entonada, porque a entonação existe pelo simples fato de ser pronunciada), minha atitude valorativa em direção ao objeto, sobre o que é desejável ou indesejável nele, e, desse modo, coloca-o em direção do que ainda está para ser determinado nele, torna-se um momento constituinte do momento vivo em processo”. (BAKHTIN, 1993, p.50)

Essa perspectiva de possibilidade de estabelecimento de uma relação valorativa com o objeto é fundamental para a afirmação do sujeito como categoria capaz de promover a compreensão e transformação de uma realidade. Como discutiremos mais adiante, um dos pressupostos pós-modernos para negar o papel do sujeito e a possibilidade de ‘grandes eventos históricos’ é precisamente a refutação da distinção entre sujeito e objeto como momento constituinte do estabelecimento de uma relação valorativa com a realidade.

Ainda em relação a essa passagem de Para uma Filosofia do Ato, é importante destacar que ela traz elementos centrais para a compreensão da filosofia da linguagem de Bakhtin e, conseqüentemente, do papel atribuído ao sujeito nessa formulação: ao apontar que o fato de falar sobre um objeto pressupõe uma *atitude interessada* sobre ele, o autor introduz elementos que serão tratados com mais profundidade em Marxismo e Filosofia da Linguagem⁵.

Nessa obra, Bakhtin destaca que o signo é um campo de lutas, um território de disputas. A linguagem, assim, é compreendida como algo vivo: significante e significado não existem previamente – como na lingüística de Saussure, criticada por Bakhtin e chamada por ele de ‘objetivismo abstrato’ –, e sim se realizam no processo da linguagem. A ideia do signo como campo de lutas pressupõe, assim, a existência de

⁵ BAKHTIN [Volochnov], 1987.



diferentes interesses na concretude das relações sociais – e, por isso, o sujeito que fala assume uma posição em relação a esses interesses em luta.

O próprio sujeito, para Bakhtin, não pré-existe à linguagem. Se não existem idéias e conceitos que pré-existam à linguagem, também não há subjetividade ou sujeito que se constitua por fora dela. O processo histórico de constituição dos seres e da linguagem é compreendido, assim, como um só processo. A linguagem não está fora do sujeito, é um mesmo processo da sua constituição.

Como o sentido não existe previamente, e se realiza no processo da linguagem, aparece a importância do *contexto* como um dos eixos fundamentais para a atribuição do sentido na linguagem. É na interação verbal, em um determinado contexto, que se produzem os sentidos, de acordo com as lutas. A comunicação, assim, é compreendida como um complexo processo de negociação de sentidos, determinado pela correlação de forças dos interesses em luta. A consciência do sujeito se forma precisamente nesse processo, a partir da interação com o contexto, com o meio material e também com outras consciências.

É também em Marxismo e Filosofia da Linguagem que Bakhtin desenvolve a ideia de que a comunicação e a enunciação são elos de uma cadeia verbal. Esse tema é de potencial interesse para nossa análise sobre o papel do sujeito nas formulações do autor russo: ao apontar essa noção de elos de uma cadeia verbal, ele destaca que, ao falar, o sujeito não é ‘virgem’. Os elos da cadeia que antecedem uma enunciação correspondem aos ancestrais, àqueles que já falaram e produziram enunciações sobre os objetos.

Como a linguagem é processo, não há ‘invenção’ que represente algo que nunca tenha sido dito. No entanto – e aí está a concepção que particularmente nos interessa para o tema deste trabalho –, o sujeito não apenas repete, mas produz o novo no seu ato de enunciação. É cada contexto, cada interação verbal, que coloca essa produção do novo na enunciação daquilo que já foi dito em elos anteriores da cadeia verbal.

E o elo da cadeia verbal se relaciona não apenas com o que já foi dito – os elos anteriores da mesma cadeia – mas também com os elos posteriores. Na concepção de Bakhtin, isso significa que a enunciação, como elo de uma cadeia verbal, também está em diálogo com os discursos que vão lhe suceder: dessa forma, o sujeito, quando fala, antecipa as reações àquilo que vai falar, imagina o que vai provocar com sua fala – o que também influencia a produção de sentido de sua enunciação.



O outro, assim, não é um mecânico receptor daquilo que o sujeito fala, mas também sujeito ativo da negociação de sentidos à medida que influi no que se fala. O sujeito que fala, portanto, fala de algum lugar, assumindo uma posição num campo de lutas, e para alguém.

Há, ainda, um outro elemento a ser destacado nessa primeira visita à constituição da noção de sujeito em Bakhtin. Trata-se da introdução da noção de totalidade, com interação entre ação e consciência, que o autor apresenta como parte da unicidade do Ser em Para uma Filosofia do Ato. A noção de totalidade aparece não como algo absoluto ou acessível pela aparência imediata da realidade, mas sim como o todo complexo formado pelos processos sociais e que forma uma realidade material, independentemente da impossibilidade de acesso empírico individual a essa totalidade. Há, portanto, em Bakhtin, uma noção de totalidade que reconhece as dimensões da realidade material e do pensamento sem que, no entanto, a cognição determine a existência dos fenômenos reais:

“Entretanto, meu ato realizado sob a base do meu não-álibi no Ser (meu ato realizado como pensamento, sentimento, como realização prática) entra em imediata proximidade à fronteira última do Ser-evento, e é orientado no evento do Ser como num todo unitário e único. Por mais cheio de conteúdo que um pensamento possa ser, ou por mais concreta e individual que seja uma ação, em seu domínio pequeno porém real ele participa do todo infinito. E isso de modo algum significa que eu deva conceber a mim mesmo, a minha ação, a este todo, como constituindo algo determinado em conteúdo; isso não é possível nem necessário. Minha mão esquerda pode não saber o que a mão direita está fazendo, e mesmo assim minha mão direita está realizando a verdade”. (BAKHTIN, 1993, p. 69).

O destaque à ‘realização da verdade’ sem que, necessariamente, uma parte do ‘todo infinito’ tenha consciência desse ato é fundamental: o sujeito, aqui, não é o que determina, em sua experiência empírica, a ‘realização da verdade’, mas um elemento constituinte do ‘todo infinito’ em sua concretude material.

Na Estética: Autor, Herói e a Tensão entre Excesso e Falta

O conceito de responsabilidade/responsabilidade, que discutimos anteriormente, aparece como categoria central também na discussão sobre o papel do sujeito na atividade estética. Em O Autor e o Herói, Bakhtin aborda o conceito reafirmando a impossibilidade de neutralidade. A premissa de que o Ser é evento único, ação, aponta



que ‘não há álibi na existência’, ou possibilidade de eximir-se da responsabilidade que ela implica. Assim, ao tratar especificamente da criação, da atividade estética, o autor destaca que o ‘álibi’ em relação à existência impede a produção de sentidos responsáveis: “Ninguém jamais provará seu *álibi* no acontecimento da existência. Quando esse álibi serve de premissa para a criação e para o discurso, nada de responsável, de sério e de significativo pode produzir-se”. (BAKHTIN, 1992, p. 219)

No entanto, apenas a noção de responsabilidade é insuficiente para a compreensão do lugar e da concepção do sujeito na obra de Bakhtin. Precisamos, ainda, ter atenção a um problema muito estudado pelo autor, por ele identificado como a tensão entre *excesso* e *falta* constitutiva do Ser.

Em Bakhtin, o Ser é entendido como algo que não se basta em si mesmo. O que falta ao Ser é o olhar sobre ele mesmo, que só pode ser feito pelo outro. Complementarmente, o que ‘sobra’ ao Ser, o seu excesso, é a perspectiva da externalidade, que o permite ver o outro como ele não pode se ver. Assim, o Ser precisa do excesso, do outro, para constituir a sua própria subjetividade, o seu olhar sobre si mesmo. O Ser, assim, se constituiu como sujeito em sua relação com o outro. Mais: ele só existe em sua relação com o outro.

Essa tensão entre excesso e falta impõe a necessidade de diálogo com o outro. É o diálogo que permite a experimentação de situações que não se viveu diretamente, a troca, a relação com o outro. Daí, a centralidade do conceito de *dialogismo* na obra bakhtiniana. Em Bakhtin, portanto, o movimento de acabamento do sujeito só se faz quando ele consegue se exteriorizar, produzir sua subjetividade a partir de uma visão ‘de fora’, do ‘excesso’. Esse movimento remete à noção de exotopia, formulada pelo autor para tratar dessa capacidade de ver o outro ‘de fora’, essencial para seu processo de acabamento.

A partir daí, Bakhtin discute a criação literária apontando que a atividade estética não é apenas do autor, mas sim resultado da tensão entre autor e herói. O autor tem uma postura exotópica, uma ‘visão de fora’, e relaciona-se com o herói, que não tem atividade externa, podendo contribuir com seu movimento de acabamento:

“(...) chegamos à idéia de que apenas o outro, como tal, pode ser o centro de valores da visão artística e, por conseguinte, ser o herói de uma obra; apenas o outro pode receber uma forma *substancial* e um acabamento, pois todas as modalidades de acabamento - no espaço, no tempo, no sentido - são valores transcendentais à autoconsciência ativa e não fazem

parte de uma relação de valor consigo mesmo”. (BAKHTIN, 1992, p. 202)

O autor, assim, precisa do herói, porque seu excesso, sua visão de fora, não se referem a si mesmo, mas sim ao outro. O herói, assim, é ‘o outro’ do autor na atividade estética. Na sequência da mesma obra, Bakhtin destaca:

“Em todas as formas estéticas, a força organizadora é a categoria de valores do *outro*, uma relação com o outro enriquecida do excedente de valores inerente à visão exotópica que tenho do outro e que permite assegurar-lhe o acabamento. O autor só se aproxima do herói quando sua própria consciência está incerta de seus valores, quando está sob o domínio da consciência do outro, quando reconhece seus próprios valores no outro que tem autoridade sobre ela (através do amor e do interesse desse outro), quando o excedente da visão (o conjunto dos elementos transcendentais) está reduzido ao mínimo, está isento de tensão e não tem um caráter de princípio”. (Bakhtin, 1993, p. 203)

Essa tensão entre o autor e o herói, portanto, é o que garante a força organizadora da atividade estética, a partir de uma relação exotópica do autor com o herói. Mais adiante, Bakhtin aprofunda essa perspectiva e aponta que o artista, para ser artista, precisa ter uma relação ‘exotópica’ com a própria vida: precisa vê-la de uma perspectiva afastada da vida cotidiana, em que a própria não se reconhece; precisa identificar os aspectos que estão voltados ‘para fora’ e que a própria vida não consegue ver.

“O artista é precisamente aquele que sabe situar sua atividade fora da vida cotidiana, aquele que não se limita a participar da vida (prática, social, política, moral, religiosa) e a compreendê-la apenas do seu interior, mas aquele que também a ama do exterior – no ponto em que ela não existe para si mesma, em que está voltada para fora e requer uma atividade situada fora de si mesma e do sentido. A divindade do artista reside em sua participação na exotopia suprema. Mas essa exotopia aos outros e ao seu mundo não é, claro, senão uma maneira específica e fundamentada de participar do acontecimento existencial. Encontrar o meio de aproximar-se da vida pelo lado de fora, é esta a tarefa do artista. É assim que o artista e a arte em geral criam uma visão do mundo absolutamente nova, uma imagem do mundo, uma realidade da carne mortal do mundo que nenhuma outra atividade criadora poderia produzir. E essa determinação exterior (interiormente exterior) do mundo, que encontra sua mais alta expressão e validação na arte, acompanha sempre nossa visão emocional do mundo e da vida.” (idem, p. 205)



Como fica claro, essa perspectiva não exime o artista de seu papel de sujeito, de Ser no mundo, de sua responsabilidade. Por suas peculiaridades, o artista é aquele que consegue ter uma visão exotópica da vida e que, através dessa visão, se aproxima da vida ‘pelo lado de fora’, criando assim o novo e atuando no mundo com um sentido ético. Para Bakhtin, o autor, em seu ato criador, precisa dessa forma se situar na ‘fronteira do mundo que está criando’, sem comprometer a estabilidade estética desse mundo introduzindo-se nele. O mundo criado por ele precisa ter uma imagem transcendente, ter coesão, ser constituído de fronteiras sólidas, ter um herói que está entranhado nesse mundo, ter acabamento e soluções com sinceridade e tensão emocional, com heróis de almas vivas.

Essa relação de tensão e complementaridade entre autor e herói precisa ser compreendida em conjunto com o conceito de dialogismo. Como indicamos acima, o conceito aparece, a partir da tensão entre falta e excesso, como eixo central da constituição do sujeito: é o movimento dialógico, o diálogo, que permite a abertura do sujeito para o mundo. Colocando-se em diálogo o essencial de todo o sujeito (a tensão entre falta e excesso), a busca pelo processo de acabamento no outro se dá num movimento do sujeito para fora e para dentro de si.

E, como resultado do movimento dialógico, a noção de *polifonia* ganha centralidade. Muito mais profunda do que a simples identificação da existência de ‘múltiplas vozes’, a polifonia constitui-se como um discurso de várias vozes por causa da presença do outro nesse discurso. Se o Ser se constitui, como vimos, no mesmo processo histórico da constituição da sua linguagem e se, como vimos também, a tensão entre excesso e falta move o Ser em direção ao outro na constituição de sua própria subjetividade, temos que essa linguagem nunca é única, trazendo em si as diversas vozes ‘dos outros’ com quem o Ser interage no processo de sua constituição. Lembrando a noção dos elos da cadeia verbal, cada discurso interage com aquilo que já foi dito e com a reação futura àquilo que ainda vai ser dito, incorporando as vozes dos que já disseram algo e daqueles que ouvirão o que vai se dizer no discurso.

Assim, a polifonia pode ser compreendida como essas várias vozes que se juntam, mas que podem ser percebidas em sua singularidade. Pelos motivos que acabamos de expor, ela é constitutiva de todo e qualquer ato de fala. Além disso, no que se refere às formas de expressão da linguagem e da estética, a polifonia pode ter outra acepção: uma obra literária pode ser mais monológica ou mais polifônica a depender da construção, pelo autor, das vozes que falam em sua obra.



Nesse sentido, Bakhtin discute a obra Dostoiévski apontando-o como o criador do romance polifônico: segundo ele, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski constitui-se pela multiplicidade de vozes e consciências independentes e pela polifonia de vozes que mantém, com as outras vozes do discurso, uma relação de igualdade. O autor, assim, cria personagens que são não apenas objetos do seu discurso, mas sim os sujeitos do discurso significante.

É importante ressaltar que, complementarmente, esse romance polifônico – que têm em seus personagens os sujeitos do discurso – não anula o papel do autor e nem o seu papel criador das personagens que adquirem independência. Em Problemas da Poética em Dostoiévski, Bakhtin destaca:

“Isto, obviamente, não significa que a personagem saia do plano do autor. Não, esta independência e liberdade integram justamente o plano do autor. Esse plano que determina de antemão a personagem para a liberdade (relativa, evidentemente) e a introduz como tal no plano rigoroso e calculado do todo”. (BAKHTIN, 1981, p. 11)

Temos, assim, alguns elementos fundamentais que constituem a noção de sujeito para Bakhtin: o Ser responsivo-ativo, caracterizado pela ação no mundo, integrante de uma totalidade material, constituído pela tensão entre excesso e falta e a partir de sua relação com o outro, formado no mesmo processo de constituição da linguagem, que enuncia e se comunica assumindo um lugar ético nas disputas e conflitos reais e que, na atividade estética, atua com sujeito em sua relação exotópica com o herói, que não é compreendido como seu objeto, mas sim criado, no plano do autor, para expressar a independência e liberdade das vozes que constituem o outro e aparecer como mais um sujeito do discurso.

Bakhtin e Pós-Modernidade: Polifonia Corresponde ao ‘Fim dos Grandes Discursos’?

Como apontamos na introdução, a obra bakhtiniana e, mais especificamente, alguns de seus conceitos tomados isoladamente – como o de polifonia – têm sido frequentemente identificados com formulações associadas ao referencial pós-moderno. Acreditamos que, a partir dos eixos centrais da constituição da noção de sujeito em Mikhail Bakhtin, visitados acima, temos elementos que nos autorizam a problematizar a aproximação da obra do autor com esse referencial. Antes disso, no entanto, precisamos passar a uma exposição dos eixos centrais da perspectiva pós-moderna e identificar as



aproximações que vêm sendo apontadas entre seus principais pressupostos e a obra de Bakhtin.

Em seu livro *As Origens da Pós-Modernidade*⁶, o historiador Perry Anderson destaca alguns eixos que constituem aquilo que ele identifica como a cristalização ideológica da pós-modernidade: fundamentada no ‘fim da metafísica dos grandes discursos’ tipificadores da modernidade, a pós-modernidade rejeita noções como história, verdade, realidade, totalidade, sujeito, transformação social e outras. Essas perspectivas ainda estariam associadas a uma tentativa de compreensão totalizante da realidade e dos fenômenos sociais, o que é identificado como um equívoco diante de um mundo fragmentário e diverso.

Assim, a defesa da impossibilidade de estabelecimento de uma relação valorativa com a realidade e da compreensão da totalidade dos processos sociais e históricos aponta a necessidade de apreensão imediata da realidade em seu caráter multifacetado. Negando a possibilidade de transformação histórica e da emancipação humana geral, a perspectiva pós-moderna sustenta que os grandes eventos históricos deram lugar a uma realidade multifacetada, que só pode ser apreendida em sua aparência discursiva.

É a partir daí que se sustenta a defesa da ‘morte do sujeito’: a lógica instaurada de que fato é valor, de que as coisas são o que são e não devem ser ‘julgadas’, aponta claramente para um declínio da noção de sujeito como mais um dos discursos incompatíveis com a pós-modernidade. Se não há totalidade, não há transformação histórica global possível, e não há, conseqüentemente, um agente para operá-la. A humanidade assim, deixa de ser compreendida enquanto elemento construtor de sua realidade, e passa a se portar diante dela de forma passiva. Se fato é valor e tudo que pode ser apreendido são os discursos, cabe à humanidade renunciar ao seu papel de sujeito e encarar o mundo sensível como um amontoado de faticidades desconexas a serem aceitas.

É precisamente a partir dessa premissa de que os grandes eventos históricos deram lugar a uma realidade multifacetada, que deve ser apreendida em sua aparência discursiva, que se propõe uma aproximação com o conceito de polifonia de Bakhtin. Essa perspectiva compreende a polifonia como uma exaltação de múltiplos discursos fragmentários, de ‘várias vozes’, em negação aos ‘grandes discursos’ que tipificam a

⁶ ANDERSON, 1999.



modernidade. A partir do que expusemos anteriormente, defendemos que uma compreensão mais geral da obra de Bakhtin revela uma crítica à noção de uma verdade superior e absoluta, mas que não nega a materialidade e a concretude dos processos sociais. Assim, a defesa de um relativismo da linguagem, de múltiplas vozes fragmentárias descoladas dos processos sociais e de negociação de sentidos, não encontra eco na obra de Bakhtin.

Além disso, é importante ressaltar que a profundidade do conceito de polifonia leva em consideração a relação do Ser com o outro, a partir da exotopia, e que a multiplicidade de vozes se faz nessa relação entre seres que, para Bakhtin, se posicionam e agem no mundo em que vivem de maneira responsável, constituindo-se de materialidade e linguagem (compreendida como um terreno de lutas entre interesses distintos).

A formulação bakhtiniana – que defende os indivíduos como seres ativos, que se constituem na relação com o outro e que respondem ao mundo se posicionando nas disputas e conflitos de interesses, seja em suas ações materiais ou na dimensão da linguagem – exclui, acreditamos, uma acepção do conceito de polifonia que negue a dimensão material constitutiva do mundo, aponte uma autonomia da linguagem como esfera descolada da materialidade e desconsidere as perspectivas de atuação do sujeito para intervenção transformadora em sua realidade.

É importante ainda frisar que, do ponto de vista do objeto específico deste trabalho, que buscou visitar a produção de Bakhtin destacando, em diferentes obras e através de seus principais conceitos, o lugar do sujeito na sua filosofia da linguagem, nos parece clara a incompatibilidade entre os fundamentos do referencial pós-moderno e a perspectiva bakhtiniana. A famigerada ‘morte do sujeito’ na pós-modernidade não encontra, como vimos, espaço nas formulações do pensador russo, que sustenta as perspectivas de materialidade, história, totalidade e sujeito como elementos constitutivos do Ser e da linguagem no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, P. **As Origens da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética em Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Univ., 1981.



_____. [Volochnov]. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1987.

_____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Para uma filosofia do ato**. Austin: University of Texas Press, 1993. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza (tradução destinada exclusivamente para uso didático e acadêmico).

EAGLETON, T. **As Ilusões do Pós-Modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

WOOD, E. M; FOSTER, J. B (Orgs.). **Em defesa da história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. Tradução de Ruy Jungmann.